

Ordem é inaugurar tudo (e antes das eleições)

ADRIANO LAFETA
Da Editoria de Política

A ordem no Gama, cidade-satélite a cerca de 35 quilômetros de Brasília, é inaugurar tudo que for novo. Se possível, com a presença do Super Zé, apelido bastante apropriado que o governador José Aparecido ganhou nessa campanha eleitoral; necessariamente, antes do dia 15 e com candidatos da ala JK do PMDB, partido do administrador regional Pedro Santos.

A primeira dama, Nágila Santos, pode ser termômetro para se medir o grau dessa febre de inaugurações. Presidente do PMDB local, ela revelou que o calendário prevê a entrega de novas obras no dia 6 de novembro. Não soube, contudo, dizer quais seriam, pois ninguém sabe ainda. Mas pode ser até esgoto, que muito político acha que não dá voto. O importante é que junto gente de candidatos do partido.

Nem todos os candidatos, diga-se. "A gente tem simpatias, porque em política ninguém consegue ser imparcial", confessa Nágila, abrindo seu voto para o CORREIO: Márcia Kubitschek para a Câmara dos Deputados e Meira Filho, Maerle Ferreira Lima e Carlos Murilo para o Senado. "Não prejudicamos os outros", ressalva, adiantando que nessa reta final de campanha, o PMDB tem 40 cabos eleitorais percorrendo casa a casa no Gama.

Para mostrar que não há restrições aos demais candidatos, Nágila conta que Pompeu de Souza, candidato à mesma vaga ao Senado disputada por Carlos Murilo, participou das inaugurações de 15 salas de aula, em três colégios diferentes, e um ponto de táxi no último dia 15, como também de Eustáquio José, candidato à Câmara pelo Partido Socialista (PS). Na ocasião o Super Zé não apareceu mas mandou o chefe do Gabinete Civil, Guy de Almeida, que não poupou a população de pedidos de votos.

O jovem Pedro Santos, 35 anos, baiano de Barra que mora no Gama há 22 anos e hoje administra a cidade está mesmo empenhado em ganhar votos para seus candidatos. Ele é capaz de passar um dia inteiro acompanhando um deles, enquanto dezenas de pessoas batem à porta de seu gabinete. Só a reportagem do CORREIO passou três vezes por lá, inutilmente. Foi encontrá-lo, após seguir seus passos pelo Mercado 2 Leste, no ponto de entrega de títulos instalado num cinema desativado, em companhia de Carlos Murilo.

No rastro dos dois, o repórter não percebeu resultados positivos. Repleto de cartazes de Lindberg Cury e Joselito Correia, ambos do PMDB, o Mercado Leste não dava mostras de

que acabavam de sair dali. Só foi possível saber disso ouvindo comerciantes que revelaram, ainda, não votar em Carlos Murilo. Francisco Jesus, da Casa Andrade, por exemplo, contou que o candidato lembrou que o brasileiro votará em três nomes para o Senado e disse que gostaria de ser um deles, mas não será.

"Meu voto é ideológico", disse com convicção Jesus, revelando-se eleitor de Augusto Carvalho, candidato do PCB à Câmara, e Carlos Alberto (PCB) e João Leal Neto (PS) para o Senado, além de Benedito Domingos, que é do PFL e destoa de sua ideologia embora mereça sua confiança. Há 12 anos no Gama, ele critica a desatenção do governo para o problema habitacional e observa, quanto ao Plano Cruzado, que "falta tudo e não existe congelamento".

Outro comerciante do Mercado Leste, Luiz Carneiro de Aguiar, bate no balcão onde colocou um cartaz de Valmir Campelo, um dos mais cotados candidatos à Câmara pelo PFL, como se estivesse grifando suas próprias palavras: "Voto nesse aqui". Depois de confirmar que Carlos Murilo acabara de sair da sua loja em companhia de Pedro Santos, diz que "todos pedem voto" e previne que "todos os brasileiros têm que saber votar nessa Constituinte".

Aguiar, que para o Senado só escolheu um candidato até agora, Osório Adriano, do PFL, é um cidadão assustado com a criminalidade. Há 19 anos residindo no Setor Leste do Gama, disse que volta e meia um de seus empregados é assaltado a caminho de casa. "As queixas são muitas e a polícia não dá conta", diz.

Na praça ao lado do Mercado Leste, cabos eleitorais de Geraldo Vasconcelos tratam de cobrir tudo que encontram pela frente com cartazes do candidato, enquanto Carlos Murilo e Pedro Santos entram no ex-Cine Itapoã para verificar o andamento da entrega de títulos. O atraso que preocupava o administrador havia sido recuperado e ele sai feliz: "Entregaram em torno de 64 mil títulos. Faltam uns 15 por cento".

De olho no trabalho dos cabos de Vasconcelos, Carlos Murilo lembra histórias engraçadas de Minas, onde "não se sabe quem dá o voto". Uma crítica às pesquisas que apontaram seu principal concorrente, Pompeu de Souza, com quem disputa a mesma vaga, em franca vantagem? Pode ser, mas Murilo logo retorna a seu discurso de candidato, centrado no entendimento de que mais do que constituinte, os deputados e senadores eleitos por Brasília terão uma função de vereador.

FOTOS: JULIO ALCANTARA



Lindberg chegou primeiro



Aguiar, fechado com Campelo



Jesus: Meu voto é ideológico



Nágila controla inaugurações



Miranda não tem queixas

FOTOS: ALDORI SILVA



Jailton pesa decisão: "Quem vai fazer alguma coisa por alguém?"

Eleitor ainda não está ligado

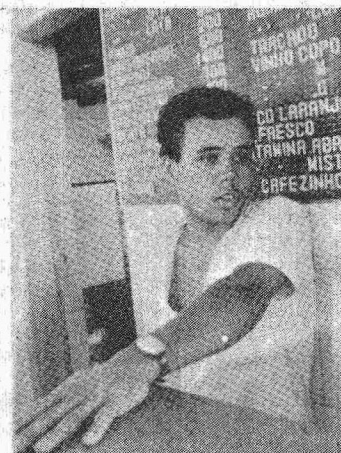
"Eu nunca fui ligado em política e estou mais esquisito ainda quanto à votação. Quem vai fazer alguma coisa por alguém? Como sempre, é só promessa. A Márcia Kubitschek passou um tempo fora; é muita cascata. Lindberg? Quem Sabe... Tem também o Osório Adriano, o Meira Filho, a Rose, o Benedito Domingos. Esse Chico Vigilante, nunca vi a cara. Também, fecho a academia às 22 horas. Não dá para ver a propaganda na tevê".

O depoimento é do halterofilista Jailton Lima Santana, dono de uma academia vizinha ao diretório regional do PMDB, no Gama, e, como muitos eleitores, indeciso. Ele se queixa da violência da cidade — "é guerra direto, briga, tiro, muita maconha; nego ali rouba para entrar em discoteca" —, da falta de lazer e do barulho que alguns candidatos promovem, citando nominalmente Oswaldo Lima (PDS), que "afundou o time do Gama".

Num prédio em frente ao de sua academia, outro indeciso, o cabelereiro Horácio Alves Ribeiro, não discute política na Barbearia Globo. Ele diz que o tema não parece muito atrativo a seus clientes, que quando se pronunciam a respeito se mani-



Ribeiro: a política não tem atraído clientes ao salão



Domício: com o título retido

festam indecisos. "Eu mesmo estou pensando no Meira Filho (PMDB) para o Senado; para deputado não sei de ninguém por enquanto".

Em pior situação está o balconista Domício Oliveira dos Santos, que trabalha num bar da rodoviária. Além de não definir em quem votar, ele não sabe nem em quantos e ainda por cima teve seu título retido, porque o nome estava errado: Domício, ao invés de Domício. Indagado sobre o que vem a ser Constituinte, respondeu com insegurança: "Acho que é uma mudança que eles estão querendo fazer".

Pefelista tenta tirar proveito

JULIO ALCANTARA



O tapume de obras incomoda e o diretório do PFL protesta

O presidente do PFL do Gama e candidato a suplente de senador Cicero Miranda, não se queixa das inaugurações promovidas pelo administrador peemedebista. Pelo contrário, até tira proveito delas. Foi assim que incluiu a fita da Rádio Jornal 730 AM, de sua propriedade, entre as várias que o governador José Aparecido cortou um dia naquela cidade-satélite.

Talvez o Super Zé soubesse que a programação radiofônica da 730 AM jamais influiria nas eleições do Gama. De fato, Transmilitando das 12 às 18h, ela abrange um horário da propaganda gratuita da Justiça Eleitoral. Só que os candidatos divulgados são de Goiás, uma vez que a programação é da 730 AM de Luziânia.

Cicero Miranda, suplente do candidato a senador Benedito Domingos, tem, contudo, outras queixas do administrador regional. Ele acusa Pedro Santos de autorizar uma empresa privada a implantar um canteiro de obras numa área que o diretório do PFL usava como estacionamento. "Aquele espaço é reservado para área verde", defende a primeira dama, Nágila Santos, sem explicar, no entanto, porque então foi cedida para canteiro de obras.

A discussão prossegue, enquanto as eleições se aproximam e o diretório do PFL permanece espremido pelos tapumes da obra, que cobrem o nome do principal candidato do partido na cidade, Benedito Domingos. Além deles, são apolados, com destaque, Valmir Campelo, Eurides Brito e Jofran Frejat.

Na briga do PMDB com o PFL, o primeiro afirma ter 3

mil filiados e mais 7 mil fichas prontas para serem encaminhadas ao Cartório Eleitoral, enquanto o segundo garante ter em torno de 5 mil filiados certos. Cicero Miranda, presidente do PFL, apresenta o presidente da Associação de Artesãos do Gama como eleitor do partido. Nágila Santos, primeira dama e dirigente do PMDB, garante que todos os presidentes de Associações de Moradores, num total de seis, apoiam seus candidatos.

Mas Cicero Miranda, embora não cite, tem o apoio dos evangélicos para Benedito Domingos, único candidato a obter a unanimidade dos pastores, que estão divididos, para a Câmara, entre Esaú de Carvalho e Eurides Brito, também pefelistas. "É preciso fazer sentir a nossa influência", diz João de Deus, presidente da Ordem dos Pastores Evangélicos do Gama, que congrega 26 igrejas, num total de 17 mil fiéis.

Rosicler Pimentel, presidente da Associação de Moradores do

Setor Leste e da Loja Maçonica Lauro Sodré, fecha com o PMDB, embora admita como bons de voto no Gama dois candidatos do PFL: Benedito Domingos e Valmir Campelo. Os outros seriam Geraldo Vasconcelos e Márcia Kubitschek, do PMDB. Quando a maçonaria, diz que não se envolve na campanha, por entender que "a política aqui no Distrito Federal está numa fase embrionária, enquanto temos uma tradição milenar".

Já o representante do centro espírita Nosso Lar, Gismário Barreto de Almeida, apoia, "com amigos", o candidato do PMC (Partido Municipalista Comunitário) Lourival Lopes, "para termos um homem de princípios e valores morais que, se eleito, nos deixará tranquilos quanto à defesa da vida, pois sabemos que não votará a favor de projetos como a pena de morte, o aborto, o controle da natalidade, religião de estado e coisas do gênero".

Sem emprego e também sem casa

Projetada para 25 mil habitantes, a cidade-satélite do Gama abriga hoje cerca de 205 mil pessoas. O resultado é que 90 por cento de sua população ativa trabalham no Plano Piloto, segundo o administrador regional Pedro Santos, e "o déficit habitacional é incalculável, uma coisa de louco", na definição de Rosicler Pimentel, presidente da Associação de Moradores do Setor Leste.

O administrador vê no desemprego a questão crucial da maioria dos problemas do Gama. E com base nesse entendimento, considera a industrialização da satélite "a prioridade zero". Até momento, conseguiu atrair a fábrica de doces Oryba, já instalada, e uma indústria de soja do grupo OK, em construção.

Como incentivos, Pedro Santos aponta a localização do Gama, que teria facilidades para escoar a produção para o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Da sua parte, promoveu o esgotamento sanitário do setor industrial local e se uniu ao candidato do PMDB ao Senado, Carlos Murilo, que defende o desenvolvimento da agroindústria e a implantação de micro, pequenas e médias empresas na região do entorno do Distrito Federal.

Para enfrentar o problema habitacional, Rosicler Pimentel sugere que o governo, "se não puder financiar casas populares, faça loteamentos com infra-estrutura urbana e deixe o povo construir". Mas ele levanta outros problemas, como a monopolização dos serviços de transporte público pela Viplan. "Sem competição, não vejo como resolver essa questão, que é seríssima".

Na área de segurança, ele concorda com o administrador de que o problema advém da falta de emprego e não adianta aumentar o policiamento. Acha, contudo, "sem nenhum otimismo", que o desemprego diminuiu após a decretação do Plano Cruzado. Acrescenta, ainda, que o setor educacional está "relativamente bem atendido" e o Hospital Regional do Gama, "entregue ao deus-dará".

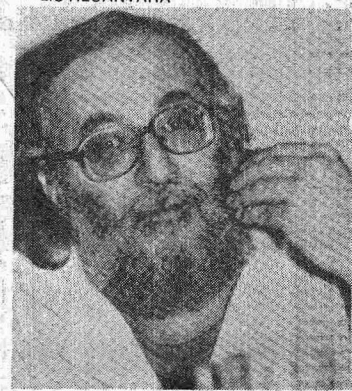
INTERESSES ESCUSOS

O diretor do HRG, João de Abreu Branco, discorda. Ele lembra que o Hospital é o segundo maior da rede, menor apenas que o HBB, Hospital de Base de Brasília. "É tolice se imaginar que um hospital no Gama vá ter um tomógrafo", acrescenta, denunciando a existência de "interesses profundamente escusos" voltados para a privatização da prestação de serviços de saúde.

"O povo daqui vai ter dinheiro para se tratar no Santa Lúcia, no hospital da Golden Gross no Lago?", questiona João de Abreu. "O Gama continua — é reflexo do Brasil. O Brasil não está no Plano Piloto; é a fome, a miséria, o desemprego, a marginalização. Você pode ter um hospital modelo, entre aspas, aqui. E daí? Enquanto não se investe em saúde e educação nesse País... Estamos esperando a Constituinte".

O médico admite que o HRG padece de carências na área de enfermagem, no corpo médico e no setor de medicamentos e material. Quanto ao número de leitos, 470, não se queixa, embora o hospital atenda, além da população do Gama, a moradores de Valparaíso, Jardim Oriente, Cidade Ocidental, Novo Gama, Pacaembu, Pedregal e Céu Azul, além das chácaras da redondeza.

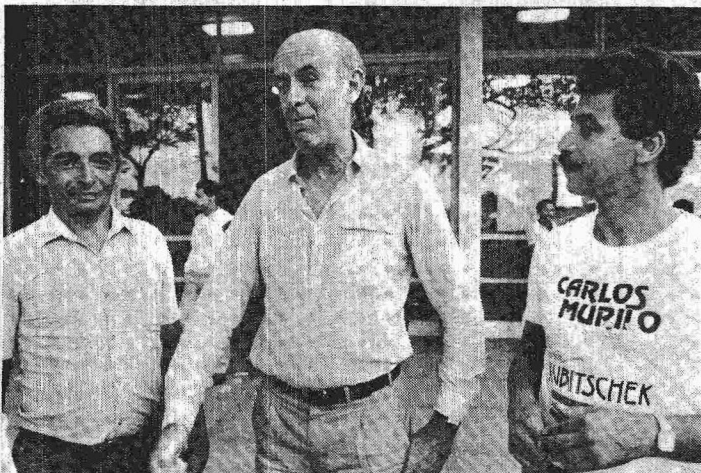
JULIO ALCANTARA



Abreu: contra hospital de luxo



Com muito cabo eleitoral, a campanha está na rua



Carlos Murilo e Pedro Santos (D) fazem caminhada no Gama